REVISTA RAÍDO

OPEN ACCESS

UFGD

DOI: 10.30612/raido.v19i48.20331

Escreve-se como ensaio, publica-se como artigo? Hibridização e padronização na escrita acadêmica

Written as an essay, published as an article? Hybridization and standardization in academic writing

Karina Menegaldo[1]
E-mail: karina.menegaldo@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2272-2878

Resumo: Este artigo discute o apagamento do gênero ensaio e sua presença disfarçada de artigo nas publicações científicas no campo das Ciências Humanas, com base na análise de 1.365 resumos de artigos da área publicados entre 2013 e 2016 em periódicos Qualis A1, na área denominada pela Capes como Linguística e Literatura. O objetivo foi identificar e interpretar a presença de traços discursivos e composicionais do gênero ensaio em textos publicados como artigos científicos, tomando como foco os resumos dessas publicações. Partindo da hipótese de que o gênero ensaio científico permanece ativo, embora frequentemente disfarçado sob a rotulagem formal de artigo científico, para essa discussão, tomamos como base os pressupostos pertencentes à abordagem sociorretórica (Swales, 1990) e estudos sobre o espaço ocupado pelo gênero ensaio nas publicações acadêmicas (Larrosa, 2003; Pena, 2005; Paviane, 2009; Bertero, 2011), alinhados a uma discussão sobre a legitimação e a institucionalização, com base nos estudos dos novos letramentos (Lea & Street, 2014, 2006, 1998) e à função metapragmática (Silverstein, 1993; Mey, 2001; Signorini, 2008a). A metodologia inclui o levantamento de padrões textuais e discursivos, a partir da identificação

1 Universidade Federal de Minas Gerais.

do léxico e da análise da estrutura retórica dos textos. Os resultados apontam para um processo de hibridização entre artigo e ensaio, sobretudo em áreas mais interpretativas, como a Literatura, nas quais o uso da linguagem reflexiva, a ausência de seções metodológicas e de marcas lexicais de subjetividade se fazem presentes. A análise evidencia que, embora marginalizado pelas diretrizes institucionais de avaliação e pelos modelos editoriais hegemônicos, o ensaio resiste como forma epistêmica e discursiva. Conclui-se que esse fenômeno revela uma tensão entre os modos de produção do conhecimento na área de Linguística e Literatura e os regimes de legitimação científica, o que aponta para a necessidade de reavaliar os critérios formais de reconhecimento dos gêneros acadêmicos.

Palavras-chave: hibridização; escrita acadêmica; padronização discursiva.

Abstract: This article discusses the institutional erasure of the essay genre and its camouflaged presence under the label of scientific article in academic publishing within the field of Human Sciences, based on the analysis of 1,365 abstracts of articles published between 2013 and 2016 in Qualis A1 journals in the field designated by CAPES as Linguistics and Literature. The objective was to identify and interpret the presence of discursive and compositional traits of the essay genre in texts published as scientific articles, focusing on the abstracts of these publications. Based on the hypothesis that the scientific essay remains active, although often concealed under the formal labeling of scientific articles, the discussion draws on the theoretical foundations of the sociorhetorical approach (Swales, 1990) and studies on the space occupied by the essay genre in academic publishing (Larrosa, 2003; Pena, 2005; Paviane, 2009; Bertero, 2011), aligned with debates on legitimation and institutionalization informed by New Literacy Studies (Lea & Street, 1998, 2006, 2014) and the notion of metapragmatic function (Silverstein, 1993; Mey, 2001; Signorini, 2008a). The methodology involved identifying textual and discursive patterns, with a focus on lexical selection and rhetorical structure. The results point to a process of hybridization between the article and the essay, particularly in more interpretative fields such as Literature, where reflexive language, the absence of methodological sections, and subjective stances are recurrent. The analysis reveals that, although marginalized by institutional evaluation systems and dominant editorial norms, the essay persists as an epistemic and discursive form. This phenomenon suggests a structural tension between knowledge production practices in the humanities and prevailing regimes of scientific legitimation, highlighting the need to revisit formal criteria for the recognition of academic genres.

Keywords: genre hybridization; academic writing; discursive standardization.

1 A INVISIBILIDADE DO ENSAIO: PROBLEMA, HIPÓTESE E DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

A escrita acadêmica no campo das Ciências Humanas tem se voltado, nas últimas décadas, a um modelo discursivo que privilegia a objetividade, a padronização estrutural e a transparência metodológica, características consolidadas sobretudo no gênero artigo científico. No entanto, é possível observar, em especial nos textos que analisamos, relativos às áreas de Linguística e Literatura, traços discursivos que destoam desse paradigma e se aproximam da tradição ensaística, marcada por subjetividade, reflexividade e construção argumentativa não linear. Essa constatação suscita questionamentos sobre as fronteiras genéricas entre o artigo científico e o ensaio acadêmico, bem como sobre os critérios de legitimação da escrita científica nas Ciências Humanas.

Embora o ensaio integre uma longa tradição de escrita voltada à produção do pensamento crítico, sobretudo no campo das humanidades, sua presença nas publicações acadêmicas indexadas tem sido progressivamente marginalizada. Os processos avaliativos institucionais e as metrificações utilizadas para avaliar e validar as produções acadêmicas, como o sistema Qualis da CAPES, contribuíram para a hegemonia do artigo científico como o único gênero aceito para as publicações acadêmicas, o que leva à padronização discursiva e à desvalorização de formas de escrita que não se alinham aos modelos canônicos de objetividade e demonstração empírica.

Nossa discussão parte de uma análise empírica de 1.365 resumos de artigos da área recortada, publicados entre 2013 e 2016 em periódicos brasileiros de estrato A1, segundo a avaliação do quadriênio do Qualis Capes. Identificamos um movimento de aproximação entre os gêneros, em que elementos característicos do ensaio passam a integrar a estrutura do artigo científico, configurando um processo de hibridização, no qual elementos do ensaio se incorporam ao artigo científico. A presença de estruturas discursivas mais abertas, a ausência de seções metodológicas ou de resultados e a mobilização de uma linguagem mais interpretativa são indícios de que o ensaio, embora não nomeado, permanece como substrato composicional em parte significativa da produção científica da área.

Diante desse cenário, este artigo tem por objetivo discutir ao apagamento do ensaio acadêmico, e os motivos que levam certos autores a adotarem a designação artigo mesmo quando estruturam o texto de maneira próxima ao ensaio, a partir da

análise realizada com resumos de textos acadêmicos publicados em periódicos de alto impacto da área de Linguística e Literatura, na qual identificamos marcas estruturais e metadiscursivas presentes nos resumos, bem como suas possíveis configurações orientadas por uma lógica de natureza ensaística. Parte-se da hipótese de que a invisibilização do ensaio decorre de um tensionamento entre formas de validação institucional da escrita científica e os modos próprios de elaboração do conhecimento nas Ciências Humanas.

A análise se ancora em pressupostos dos estudos sobre gêneros textuais acadêmicos, especialmente a partir da perspectiva sociorretórica (Swales, 1990) e nas reflexões sobre o gênero ensaio científico (Bertero, 2011; Larrosa, 2003; Pavani, 2009; Pena, 2005), alinhados às discussões sobre padronização discursiva na escrita acadêmica, a partir dos estudos da função metapragmática (Silverstein, 1993; Mey, 2001; Signorini, 2008a) e dos novos letramentos (Lea & Street, 2014, 2006, 1998) .

A presença de traços ensaísticos em resumos de artigos que se apresentam formalmente como científicos revela não apenas um processo discursivo de hibridização genérica como também um movimento de acomodação às expectativas institucionais de publicação. Tais expectativas operam como mecanismos de disciplinarização da escrita científica, que promovem determinados modos de dizer e silenciam outros, notadamente aqueles vinculados à construção subjetiva e reflexiva do conhecimento. Os achados desta pesquisa dialogam diretamente com os estudos dos novos letramentos (Lea & Street, 1998, 2006), que afirmam que a escrita científica não é neutra nem universal, mas atravessada por práticas sociais, valores e exigências institucionais e expectativas disciplinares.

Ao percebermos que muitos textos classificados como artigos assumem, em seus resumos, traços formais e discursivos próprios do ensaio, somos levados a problematizar os modelos de escrita acadêmica que, ancorados em normatividades estruturais, invisibilizam a lógica ensaística em favor da homogeneização discursiva. Essa operação de apagamento, já apontada por Larrosa (2003) como resultado da homogeneização da produção científica, evidencia uma tensão entre a forma instituída do artigo científico e modos de escrita que incorporam reflexão, subjetividade e construção crítica do conhecimento, que são marcas reconhecidas do ensaio, segundo Paviani (2009) e Pena (2005).

Ao mesmo tempo, o fenômeno sugere que a lógica do ensaio, ao se infiltrar na superfície do artigo, resiste aos processos de burocratização da escrita acadêmica

(Bertero, 2011). Nessa perspectiva, os dados analisados dialogam com os estudos do letramento acadêmico de orientação crítica (Lea & Street, 1998), que reconhecem a escrita como prática social heterogênea, atravessada por disputas epistêmicas e institucionais. Assim, questionar a rotulagem normativa desses textos torna-se parte da compreensão dos modos como a autoria, a forma e a agência são negociadas nos espaços de produção científica contemporânea.

Nesse contexto, torna-se relevante problematizar a supressão do ensaio como forma legítima de produção discursiva nas Ciências Humanas, especialmente quando sua presença se manifesta, de forma velada, em textos que se submetem às convenções do artigo científico. Compreender os efeitos dessa invisibilização, bem como os modos pelos quais o ensaio resiste discursivamente nos textos acadêmicos, pode contribuir para uma reflexão mais ampla sobre os processos de letramento científico, as políticas de publicação e os regimes de legitimação do saber na universidade.

2 O LUGAR DO ENSAIO NAS CIÊNCIAS HUMANAS: DISPUTAS DISCURSIVAS E HIBRIDIZAÇÕES NA ESCRITA ACADÊMICA

A consolidação do artigo científico como gênero canônico da produção acadêmica está diretamente relacionada à imposição de um modelo normativo de escrita científica que privilegia a exposição de resultados, a clareza metodológica e a estruturação formal padronizada. Esse modelo se ancora em uma das formulações mais influentes sobre a estrutura do texto acadêmico, o esquema proposto por Swales (1990), o modelo CARS (Create a Research Space), amplamente disseminado nos manuais de redação científica e nas políticas editoriais de revistas indexadas. É comum vermos o modelo CARS sendo utilizado como base em para escrita científica, em diversas áreas (Feltrim et al., 2006). Tais movimentos visam sistematizar a entrada do pesquisador na comunidade científica, reforçando a ideia de que há uma forma legítima e universal de estruturar um artigo científico.

A crítica ao universalismo do modelo se insere, portanto, em uma discussão mais ampla sobre os regimes de legitimação da escrita científica e suas articulações com os processos de letramento acadêmico. Conforme argumentam Lea & Street

(1998), a escrita científica não é uma prática neutra ou normativa, mas uma prática discursiva socialmente situada, atravessada por valores disciplinares, ideológicos e institucionais. A imposição de um modelo único de artigo, com estrutura fixa e vocabulário especializado, pode invisibilizar formas alternativas de elaboração do conhecimento, sobretudo aquelas que se organizam em torno da reflexão e da interpretação.

É nesse ponto que se insere a discussão sobre o ensaio acadêmico, gênero que, apesar de sua longa tradição nas humanidades, encontra-se hoje relegado à periferia das publicações científicas de prestígio. Conforme demonstrado por Larrosa (2003), o ensaio é uma forma de escrita que se define não pela demonstração metódica, mas pelo percurso reflexivo, pela indagação e pela exposição subjetiva do pensamento. O autor, ao retomar o conhecido pensamento de Adorno (2003), que caracteriza o ensaio como um “ofício de escritor”, define o ensaio como um gênero que trabalha com o inacabado, o fragmentário e o especulativo, em contraste com o ideal de completude e de exatidão do artigo científico.

Alinhando-se à discussão sobre o papel do ensaio nas Ciências Humanas, Paviani (2009) também enfatiza o caráter interpretativo do ensaio, ao afirmar que ele se orienta por uma lógica de investigação e de problematização, sem a necessidade de apresentar resultados conclusivos. Para o autor, o ensaio é marcado por um rigor próprio, que não é empírico ou estatístico, mas sim argumentativo e reflexivo, e que não pode ser reduzido a uma estrutura formal fixa. Ainda assim, como ele próprio observa, é comum encontrar, no campo da Literatura, ensaios que adotam a aparência formal do artigo, como estratégia para se adequarem às exigências de publicação em periódicos qualificados.

Essa constatação está em consonância com os dados levantados nesta pesquisa, que identificou uma quantidade significativa de resumos que, embora nomeados como resumos de artigos científicos, apresentam características formais e discursivas típicas da composição do gênero ensaio. Muitos desses resumos são compostos apenas uma introdução expandida, sem descrição metodológica, nem seção de resultados, finalizando com um fechamento da introdução ou uma conclusão interpretativa, indício de que a estrutura indicada pelo gênero, tomando como base o modelo CARS, não está presente ou é aplicada apenas parcialmente.

Pena (2005) aprofunda essa questão ao se perguntar se a distinção entre ensaio e artigo é orientada por características intrínsecas dos textos ou se é determinada pelo agenciamento ideológico do nome que os designa. Em sua análise de teses e

de dissertações nas áreas de História e Literatura, o autor identificou a presença de marcas subjetivas e até literárias em textos formalmente definidos como científicos. Os próprios autores justificaram essas escolhas como pertencentes a um “estilo ensaístico”, mesmo que inserido em gêneros tradicionalmente associados à objetividade. Essa “ensaificação” do artigo e da tese evidencia que o ensaio sobrevive como gênero discursivo, mesmo quando nomeado de artigo científico.

Essa permanência do ensaio como forma latente da escrita científica, mas marginalizada pelas políticas editoriais e pelas diretrizes institucionais de avaliação, pode ser entendida como um efeito da burocratização da produção acadêmica (Bertero, 2011). A expectativa de clareza formal, concisão argumentativa e velocidade de leitura fez com que o ensaio fosse excluído das “boas práticas” de publicação, por não se adequar à lógica de estruturação textual que rege os espaços de circulação científica. Como nota Larrosa (2003), essa padronização serve não apenas para facilitar a leitura, mas para regular a entrada de autores nos circuitos legítimos de produção de saber.

O que se observa, portanto, é um cenário de tensão: por um lado, o artigo científico se impõe como modelo hegemônico; por outro, a escrita ensaística continua a ser praticada, mesmo que de forma disfarçada, marginal ou híbrida, especialmente nas áreas em que a reflexão crítica e o pensamento interpretativo são centrais. Esse quadro nos permite propor que, nas práticas discursivas contemporâneas da academia, sobretudo nos textos publicados na área de Linguística e Literatura, sobre a qual versou este estudo, o que se está produzindo é uma zona de fronteira da escrita, na qual artigo e ensaio se mimetizam e se mesclam num ambiente de contato, um espaço de hibridização genérica no qual o ensaio sobrevive, muitas vezes, sob o nome de artigo.

Diferentemente do artigo científico, que é orientado por uma estrutura retórica padronizada e por uma lógica de demonstração, o ensaio é compreendido como uma forma discursiva marcada pela liberdade composicional, pela subjetividade e pela reflexão crítica (Larrosa, 2003 e Paviani, 2009). Larrosa (2003) afirma, ainda, ancorando-se no que diz Adorno (1986), que embora anterior ao artigo científico, o ensaio foi deslocado para a periferia da escrita acadêmica justamente por não se submeter às normas de exposição metódica e objetiva da ciência moderna.

O ensaio, assim, ainda que não dispense o rigor, orienta-se por uma lógica argumentativa que não visa a conclusão definitiva, mas o processo contínuo de problematização (Paviani, 2009). Em lugar da comprovação e da demonstração, o ensaio se

sustenta pela reflexão. Nesse sentido, a ausência de um modelo formal fixo é não um defeito, mas uma característica constitutiva do gênero. Como enfatiza o autor, o rigor no ensaio não se confunde com exatidão, e sua estrutura, embora planejada, não se organiza em torno de seções como no artigo.

Por essa razão, o ensaio acadêmico é compreendido, em diferentes campos do conhecimento, como uma forma discursiva que não se define por uma estrutura formal fixa, mas por seu potencial interpretativo e propositivo. Em vez de seguir um modelo retórico estabilizado, o ensaio se caracteriza por sua densidade reflexiva, sua abertura argumentativa e sua disposição para formular novas possibilidades teóricas, sem a pretensão de apresentar resultados empíricos replicáveis. Trata-se de uma forma de escrita que privilegia a reflexão intelectual e a liberdade composicional, ancorando-se na construção subjetiva do pensamento (Bertero, 2011).

Na prática, contudo, a distinção entre o ensaio e o artigo científico revela-se menos nítida do que sugerem as classificações formais. Em muitos textos acadêmicos, observa-se a presença de marcas subjetivas, como passagens opinativas, digressões estilísticas ou o uso da primeira pessoa, que não são propriamente incompatíveis com os gêneros avaliados como “científicos”, mas que costumam ser justificadas pelos autores como traços de uma “escrita ensaística” (Pena, 2005). Isso sugere que o ensaio, mais do que um gênero plenamente reconhecido, tem operado como um estilo textual que atravessa e contamina outros gêneros acadêmicos, tensionando as normas de impessoalidade e objetividade e reintroduzindo a voz do autor como elemento constitutivo da construção do saber.

Esse deslocamento do ensaio para uma posição híbrida pode ser interpretado como efeito direto da crescente burocratização da produção acadêmica (Bertero, 2011) e de padronizações da escrita científica (Menegaldo, 2024), que excluem formas discursivas não compatíveis com os modelos avaliativos dominantes. Como pontua Larrosa (2003), a pressão por eficiência e clareza leva à redução dos textos científicos a estruturas previsíveis, rápidas de ler e fáceis de classificar. O ensaio, com sua forma menos previsível, torna-se assim disfuncional nesse sistema, ainda que, paradoxalmente, continue sendo praticado.

Deste modo, o ensaio, conforme discutido por Larrosa (2003), Pena (2005) e Paviani (2009), caracteriza-se por uma forma de escrita que não busca demonstrar resultados a partir de um método estabilizado, mas sim explorar ideias e refletir sobre temas a partir de um percurso subjetivo. É um gênero que se ancora na experiência,

na sensibilidade e na autoridade intelectual do autor, e por isso é historicamente reconhecido como um modo legítimo de produção de conhecimento nas Ciências Humanas. Contudo, a centralidade conferida ao artigo científico como forma privilegiada de legitimação do saber acadêmico tem promovido o apagamento do ensaio como um gênero acadêmico-científico, especialmente nos processos de avaliação das publicações científicas.

Com base na argumentação desenvolvida até aqui, é possível afirmar que o ensaio, embora progressivamente marginalizado pelas normas editoriais e pelos sistemas de avaliação da produção acadêmica, não desapareceu do espaço acadêmico. Essa constatação nos leva a uma hipótese central desta pesquisa: a coexistência, no interior dos textos científicos, de dois regimes discursivos, o da padronização normativa e o da escrita reflexiva, gera formas textuais que desafiam a tipificação rígida dos gêneros acadêmicos.

3 METODOLOGIA: DELINEAMENTO DO CORPUS E CRITÉRIOS DE ANÁLISE

A presente pesquisa insere-se no campo da análise sociorretórica dos gêneros acadêmicos, com ênfase nos estudos de letramento e nos processos de institucionalização da escrita científica. O objetivo deste estudo foi identificar e interpretar a presença de traços discursivos e composicionais do gênero ensaio em textos publicados como artigos científicos, tomando como foco os resumos do *corpus* empírico, composto por 1.365 resumos de artigos científicos publicados entre 2013 e 2016 em periódicos brasileiros classificados como A1 no estrato Qualis/CAPES, nas áreas de Linguística (956) e Literatura (409). A delimitação temporal foi definida com base na consolidação das diretrizes de avaliação da CAPES no período, e os periódicos foram selecionados por sua centralidade no campo e por apresentarem critérios formais de estruturação editorial.

A escolha pelo resumo como objeto de análise se justifica pelo fato de que ele condensa, de forma estratégica e convencional, os principais elementos estruturais e discursivos do artigo, funcionando como uma espécie de sumário do texto completo. Assim, ao observarmos o modo como os artigos se apresentam por meio de seus resumos, torna-se possível apreender, com precisão, as escolhas de organização tex-

tual, o posicionamento do autor e os indícios formais que revelam aproximações com a lógica ensaística, mesmo em textos rotulados como científicos.

A coleta dos resumos foi realizada por meio do levantamento em bases de dados online e da organização de um banco textual que permitisse o tratamento linguístico e discursivo dos dados. Utilizou-se uma abordagem mista: quantitativa, para a identificação e categorização de marcas linguísticas recorrentes; e qualitativa, para a análise interpretativa de aspectos retóricos e composicionais.

A análise foi conduzida em duas etapas. Na primeira, identificaram-se nos resumos elementos estruturais e metadiscursivos associados ao modelo CARS (Swales, 1990), como a presença de objetivos explícitos, a formulação de lacunas teóricas, a delimitação temática e a indicação de resultados. Na segunda etapa, os resumos foram classificados em três categorias: (i) resumos que nomeiam explicitamente o texto como ensaio; (ii) resumos que apresentam estrutura discursiva divergente ao esperado para o gênero artigo científico; (iii) resumos plenamente aderentes ao modelo retórico do artigo científico.

A combinação entre a análise automatizada de recorrências lexicais e fraseológicas, por meio de ferramentas de linguística de corpus, AntConc, e a leitura manual interpretativa permitiu uma identificação mais precisa de traços ensaísticos, mesmo quando não nomeados como tais. Essa estratégia metodológica visou contemplar tanto os aspectos visíveis da textualidade quanto as escolhas discursivas sutis que apontam para processos de resistência à normatização científica.

4 INDÍCIOS DISCURSIVOS DO ENSAIO: NOMEAÇÃO E ESTRUTURAÇÃO NOS RESUMOS ANALISADOS

Ainda que o ensaio acadêmico seja pouco reconhecido como gênero legítimo nas publicações científicas de prestígio, sobretudo nas revistas indexadas e avaliadas pelo sistema Qualis, a análise do corpus revela a presença de dois fenômenos que merecem atenção: (i) a nomeação explícita do texto como ensaio por parte de alguns autores; e (ii) a adoção de estruturas discursivas que se afastam do modelo clássico do artigo científico, aproximando-se da lógica composicional do ensaio, mesmo quando o texto é denominado artigo.

Para tratar desse fenômeno, dividimos o corpus em dois subconjuntos de interesse: um primeiro, composto por resumos nos quais o termo “ensaio” é utilizado para referir-se ao próprio texto; e um segundo, formado por resumos cujas estruturas discursivas não se alinham à sequência retórica esperada de introdução, metodologia, resultados e conclusão, conforme estabelecido pelo modelo CARS (Swales, 1990).

A análise dos casos de nomeação explícita permite observar em que medida os autores recorrem à terminologia ensaio como um indício de filiação epistemológica. Nesses resumos, observa-se com frequência a centralidade do ponto de vista do autor, a ênfase no percurso reflexivo e a ausência de termos ligados à validação empírica, como *metodologia*, *análise de dados* ou *resultados*. A designação *ensaio*, nesse caso, opera como um referente metarreferencial (Menegaldo, 2024) que antecipa uma proposta de escrita mais interpretativa e argumentativa, visto que o gênero apresenta uma estrutura textual de natureza discursiva mais pautada em referências filosóficas, literárias ou teóricas de tradição humanística.

Já o segundo grupo, composto por textos que se nomeiam como *artigos*, mas cuja organização retórica e escolha lexical se distanciam do modelo científico padronizado, sugere a existência de um processo de hibridização. Nesses casos, a ausência de seções metodológicas, a presença de movimentos discursivos que exploram experiências pessoais, formulações ensaísticas e formas abertas de argumentação indicam que o ensaio permanece como estrutura latente, ainda que encoberta pela rotulagem formal de *artigo científico*.

Essa ambivalência discursiva aponta para a inadequação dos modelos normativos de avaliação acadêmica às formas próprias de elaboração do saber nas humanidades, nas quais a construção do objeto de pesquisa muitas vezes se dá por meio de processos argumentativos e interpretativos, e não pela demonstração empírica formalizada. Assim, a análise desses dois subgrupos revela não apenas uma resistência à normatização da escrita científica, mas também uma tentativa de negociação entre as formas de validação institucional e os modos de produção do conhecimento próprios das áreas de Linguística e Literatura.

A análise do corpus permitiu a identificação de dois fenômenos distintos, mas relacionados, que dizem respeito à presença do ensaio na escrita científica das áreas de Linguística e Literatura, como já mencionado. No primeiro caso, no qual observamos a nomeação explícita do gênero *ensaio* por parte dos autores, notamos que isso ocorre em contextos nos quais a expectativa editorial recai sobre o formato do artigo

científico, utilizado, assim, como sinônimo de artigo. Contudo, essa utilização sinonímica revela, nos casos nos quais o termo ensaio foi utilizado, outros traços que indicam que essa escolha, ainda que não seja totalmente consciente, possa ser guiada pelo processo do autor na construção de sua autoria, ou seja, a partir dos autores que leu e de suas referências ao longo de sua construção como autor. Nesse sentido, a escrita acadêmica se constrói a partir da observação e da reflexão crítica sobre textos da própria área, que operam como referências discursivas e epistemológicas para a formulação do dizer autoral (Sousa, 2016). Assim sendo, os autores que leram mais textos ensaísticos tendem a reproduzir essa estrutura e, nos casos em que foram publicados como artigos, não diferenciar a estrutura dos gêneros, tratando suas diferenças estruturais variações de um mesmo gênero acadêmico.

Apesar da ocorrência do termo ensaio ter sido registrada nos dois subgrupos, no de Literatura, a ocorrência da palavra *ensaio* é significativamente mais elevada do que no de Linguística: dos 409 resumos analisados, 60 fazem uso explícito do termo, o que representa 14,7% dos textos da área, submetido na forma de autoatribuição direta (*"neste ensaio..."*, *"propõe-se um ensaio sobre..."*), em função metarreferencial (Menegaldo, 2024). Esse dado não apenas confirma a maior flexibilidade discursiva da Literatura em relação à nomeação metarreferencial, como também aponta para uma valorização explícita da tradição ensaística.

Além disso, há algumas derivações não agrupadas para a apresentação da proposta de texto, como em *"trata-se de uma proposta ensaística..." e "trata-se de um ensaio que se propõe a refletir sobre..."*, em referência ao gênero textual adotado. Embora esse número seja pequeno em termos absolutos, sua ocorrência percentual é significativa do ponto de vista discursivo e epistêmico, pois indica uma tentativa, mesmo minoritária, de nomear publicamente um gênero que se encontra, de modo geral, deslegitimado nos espaços de circulação científica mais prestigiados.

Em menor volume de ocorrências e com menor representatividade estatística, 18 (1,9%) de 956, o subgrupo de resumos de Linguística, apresenta ocorrências muito semelhantes, com o termo ensaio em função metarreferencial, mas não apresenta as derivações do termo em outras funções sintáticas e discursivas, como apontado no subgrupo Literatura. Esta distribuição sugere uma flexibilidade maior no discurso metarreferencial na Literatura, na qual os textos mais reflexivos, como ensaio, têm um papel mais destacado (14,7% de frequência) do que na Linguística (1,9% de frequência) (Menegaldo, 2024).

A análise qualitativa revela que o uso do termo *ensaio* nesses resumos, em função metarreferencial, opera como índice discursivo que antecipa uma filiação epistêmica marcada pela reflexão, subjetividade e liberdade composicional, marcas associadas historicamente ao gênero. Como apontam os dados, os textos mais reflexivos, no campo da Literatura, tendem a ser nomeados como *ensaio*, o que evidencia um emprego preferencial da categoria em contextos nos quais a argumentação aberta é socialmente valorizada. Em contraste com a Linguística, na qual a rotulagem *ensaio* é residual (1,9%) e muitas vezes evitada em favor de designações mais alinhadas ao paradigma empírico-analítico, a Literatura mantém o ensaio como espaço legítimo de enunciação crítica e de elaboração discursiva não padronizada.

No segundo caso, mais numeroso, identificam-se textos nomeados como artigos científicos, mas cuja organização retórica apresenta características marcadamente ensaísticas. Em grande parte desses resumos, não se observa qualquer menção a procedimentos metodológicos, tampouco à apresentação de resultados empíricos ou à formulação de uma conclusão nos moldes convencionais. A estrutura discursiva segue um encadeamento argumentativo interpretativo, centrado na exposição de ideias, na discussão teórica e na articulação conceitual. Esses casos, embora com baixa expressividade no subgrupo de Linguística, razão pela qual não foram quantificados separadamente, revelam-se significativamente mais frequentes no subgrupo de Literatura, no qual menos da metade dos resumos (48%) apresenta a seção de metodologia. Ademais, nesses casos, todas as ocorrências de referência metodológica dizem respeito exclusivamente à indicação de um arcabouço teórico ou de autores mobilizados, funcionando mais como justificação teórica do percurso reflexivo do que como descrição de um procedimento empírico.

Expressões como “exploração reflexiva do tema”, “perspectiva crítica ancorada em fundamentos teóricos” e “abordagem subjetiva da questão proposta” são recorrentes e revelam o afastamento do empirismo típico dos artigos científicos padronizados. Tais formulações mobilizam um léxico vinculado à tradição ensaística, cuja presença nos resumos analisados evidencia uma valorização da interpretação, da crítica e do percurso reflexivo, em contraste com a lógica da exposição e interpretação objetivas típicas do artigo científico. Essa inflexão discursiva reforça o fenômeno de hibridização identificado, ao mesmo tempo em que revela a permanência do ensaio como forma de resistência às normatividades da escrita acadêmica na área recortada. O uso recorrente de expressões como “neste texto, pretendemos”, “o presente ensaio busca

refletir” sugere uma escrita que se constrói mais como espaço de problematização do que de descrição de fenômenos.

Essa compreensão dos dados é corroborada pelo fato de que a seção de introdução do resumo concentra, de forma significativamente mais densa, os padrões lexicais e fraseológicos recorrentes nos resumos analisados. Essa regularidade pode ser explicada não apenas por sua presença em 100% dos textos dos dois subconjuntos de dados, Linguística e Literatura, como também pela seção introdução apresenta, muitas vezes, apenas elementos contextuais e de descrição do objeto de pesquisa, contrariando a organização retórica do artigo científico, conforme proposto por Swales (1990) no modelo CARS (Create a Research Space).

No subgrupo de Literatura, 52% dos resumos apresentam apenas a seção de introdução, na qual a descrição do objeto de estudo e a formulação teórica ocorrem sem qualquer menção a procedimentos metodológicos, o que revela uma conformação estrutural próxima à do ensaio. Em muitos desses resumos, observam-se marcas discursivas que indicam essa orientação, como nos casos em que os textos se propõem a “revisitar conceitos à luz de determinada tradição filosófica” ou a “propor uma leitura hermenêutica de obras literárias específicas”, sem explicitação do modo como a leitura será conduzida ou indicação do tipo de corpus mobilizado. Soma-se a isso a supressão integral das seções de resultados e conclusão, frequentemente substituídas por expressões como “proposição de caminhos” ou “exercício de pensamento crítico”.

Complementarmente, o uso de expressões como *“sem a pretensão de apresentar resultados conclusivos”*, *“propõe-se um percurso interpretativo”* ou *“o presente texto convida à reflexão”* reforça esse deslocamento retórico. Ainda que tais textos sejam rotulados como *artigos*, o efeito de leitura se aproxima mais da experiência oferecida pelo ensaio, o que permite afirmar que, mesmo sob a forma de artigo, o ensaio permanece como um gênero discursivo ativa na produção acadêmica de textos de Linguística e Literatura.

Tais marcas apontam para a prevalência de uma estrutura composicional mais argumentativa e especulativa no subgrupo Literatura, que tensiona os limites formais do artigo científico e reinscreve a tradição ensaística sob um formato institucionalmente legitimado. Essa assimetria pode ser lida à luz das culturas disciplinares distintas e das tradições de escrita consolidadas em cada campo. Nas áreas mais fortemente vinculadas à interpretação e à leitura crítica, como a Literatura, o ensaio persiste disfarçado sob o rótulo de artigo.

Esses achados reforçam a hipótese de que há, no interior do sistema de publicação científica brasileiro, uma dissonância entre as exigências formais das revistas e os modos de produção de conhecimento característicos das áreas analisadas. A nomeação do gênero como *artigo* parece funcionar, nesses casos, como uma estratégia de legitimação institucional, enquanto o corpo do texto se mantém alinhado a uma lógica ensaística de exposição e construção do pensamento

A recorrência desses traços ensaísticos, seja por nomeação direta ou por estruturação discursiva, permite reconhecer que o ensaio persiste como um gênero de escrita acadêmica frente às imposições normativas da escrita científica. Um primeiro efeito desse tensionamento é o apagamento da subjetividade como marca enunciativa visível: nos textos em que o autor adota estratégias discursivas subjetivas, mas recorre à rotulagem de *artigo*, há uma tentativa de acomodar-se às expectativas do campo científico sem, no entanto, abandonar os modos próprios de produção do conhecimento nas Ciências Humanas.

Um segundo efeito discursivo é o silenciamento de práticas e epistemologias que fogem ao modelo experimental e à estrutura segmentada por seções. Como as normas de publicação operam como reguladores simbólicos do que é reconhecido como científico, os autores acabam por internalizar esse modelo mesmo quando ele não se ajusta às suas propostas teóricas. Isso se traduz em resumos que tentam mimetizar a estrutura com introdução, metodologia, resultados e conclusão, mesmo quando o texto completo não a possui, ou ainda na ausência de nomeações alternativas que deem conta da heterogeneidade da escrita acadêmica nas Ciências Humanas.

Há ainda um terceiro efeito, de ordem pedagógica e formativa: a padronização da escrita em torno do modelo de artigo científico pode restringir o desenvolvimento da reflexividade crítica entre estudantes e jovens pesquisadores. O ocultamento do ensaio como possibilidade legítima de produção de conhecimento impede que se compreenda a escrita científica como espaço de elaboração e não apenas de demonstração. Esse problema se agrava quando o letramento acadêmico é reduzido à aprendizagem de estruturas fixas e fórmulas repetíveis, em detrimento da construção situada e epistêmica da argumentação.

A recorrência de elementos fraseológicos e estruturais mínimos, como a nomeação do objetivo ou a apresentação do tema, sugere uma adesão superficial ao formato normativo do artigo científico, mas não necessariamente um alinhamento ao seu modelo retórico pleno. Essa constatação indica que a presença formal da introdução

do resumo funciona muitas vezes como um marcador de conformidade genérica ao introduzir o texto com expressões como “o objetivo deste artigo”, ainda que o conteúdo discursivo da seção revele uma organização argumentativa mais aberta, interpretativa e subjetiva, traços típicos da tradição ensaística. Em outras palavras, o que se observa é a incorporação do artigo como estratégia de adequação às expectativas da comunidade científica, enquanto o texto se alinha a uma lógica discursiva distinta, mais orientadas pelo percurso reflexivo.

Esses dados nos indicam que, ainda que o ensaio esteja formalmente ausente dos indexadores e dos formulários de submissão editorial, ele se mantém nas publicações em Literatura. A identificação de traços ensaísticos, seja por meio da nomeação explícita metarrefencial e entendida como sinônimo de artigo científico, seja pela configuração retórica dos resumos, marcada por resumos compostos apenas pela introdução, evidencia a persistência do ensaio tensionando os limites formais do artigo científico. Essa operação discursiva evidencia um processo de negociação estratégica com os dispositivos de legitimidade acadêmica: autores adotam formas ensaísticas de exposição, mas se submetem à nomenclatura e às exigências estruturais dos periódicos para garantir a circulação de seus textos nos espaços de prestígio. A forma é mantida como ensaio; o rótulo, ajustado ao artigo.

Nesse cenário, torna-se pertinente repensar os critérios de avaliação da escrita acadêmica e as formas de letramento científico que têm orientado a formação de novos pesquisadores. A imposição do modelo do artigo como única forma válida de publicação tende a apagar as possibilidades de escrita reflexiva, crítica e subjetiva, justamente aquelas mais alinhadas aos compromissos epistemológicos e ético-discursivos das Ciências Humanas.

Assim, a análise empreendida neste estudo não pretende apenas descrever um fenômeno textual, mas contribuir para a problematização dos regimes de legitimação da escrita acadêmica. Reconhecer a presença ativa do ensaio, mesmo quando silenciosa ou disfarçada, abre espaço à discussão do papel do ensaio na construção do conhecimento nas Ciências Humanas. Mais do que recuperar o ensaio como gênero marginalizado, trata-se de afirmar seu valor epistêmico, seu papel discursivo e sua permanência como forma de produção crítica à normatização do discurso científico.

A noção de hibridização, observada nos resumos analisados, pode ser lida de maneira mais crítica à luz dos Novos Estudos do Letramento (Street, 1984; Barton & Hamilton, 1998; Lea & Street, 1998; Lillis & Scott, 2007), que compreendem o le-

tramento como prática social situada, institucionalmente regulada e ideologicamente permeada. Esse deslocamento teórico permite entender a permanência de traços ensaísticos em resumos de artigos científicos não como simples desvios formais ou exceções estilísticas, mas como indícios de tensões discursivas entre diferentes modos de produzir e legitimar conhecimento.

Assim, a hibridização entre artigo e ensaio, longe de ser apenas uma questão estrutural ou composicional, manifesta disputas simbólicas e epistêmicas sobre o que conta como conhecimento válido, quem pode produzi-lo e como ele deve ser comunicado. A presença desses traços pode ser compreendida, portanto, como um índice de resistência aos regimes normativos de escrita acadêmica, especialmente àqueles que privilegiam a impessoalidade, a regularidade e a objetividade como critérios de cientificidade.

Quando observamos resumos que incorporam marcas composicionais e discursivas do ensaio, como o uso da primeira pessoa, a ênfase interpretativa, a ausência de seções metodológicas explícitas e a conclusão reflexiva, identificamos o que Lillis e Scott (2007) denominam “práticas de letramento contestadas”. Tais práticas expressam não apenas desvios formais, como estratégias de agência textual, em que os autores negociam sua inserção nos regimes de escrita legitimados pela academia. Essa tensão evidencia que a hibridização não é um fenômeno apenas estrutural, mas também ideológico: ela emerge da interseção entre dois modos de letramento: o científico, regulado e institucionalizado, e o ensaístico, que valoriza a reflexão, a subjetividade e a crítica. Nesse sentido, a presença de traços ensaísticos nos resumos não representa uma falha de adequação ao gênero artigo, mas um indício da vitalidade de práticas discursivas plurais que resistem à homogeneização da escrita científica.

Sob essa ótica, os resumos analisados funcionam como zonas de mediação discursiva (Lea & Street, 2006), nas quais se inscrevem negociações entre as expectativas institucionais e de identidades autorais. Essa constatação aproxima a discussão daquilo que Paviani (2009) e Larrosa (2003) indicam sobre o ensaio como forma de pensamento crítico e modo de escrita que tensiona o paradigma da objetividade. Reconfigurado no contexto acadêmico, o ensaio permanece como uma prática de letramento que atua nas margens do discurso científico, revelando os limites da sua suposta neutralidade.

5 CONCLUSÃO

Este artigo buscou refletir sobre o lugar do ensaio na escrita acadêmica no campo das Ciências Humanas, atualmente. A análise empírica de 1.365 resumos de artigos científicos evidenciou a presença recorrente de traços discursivos e composicionais característicos do ensaio em textos formalmente apresentados como artigos, revelando um movimento de hibridização.

À luz dos novos estudos do letramento, que compreendem os gêneros como práticas sociais dinâmicas e situadas (Street, 1984; Lea & Street, 1998), os dados analisados sugerem que os autores não apenas tensionam as fronteiras entre gêneros, mas também mobilizam recursos discursivos que rompem com a rigidez normativa esperada na escrita de um artigo científico. Nesse sentido, os resumos funcionam como espaço estratégico de negociação entre a subjetividade ensaística e a objetividade acadêmica esperada, revelando deslocamentos que desafiam modelos estabilizados de produção textual.

Assim, longe de representar um desvio, tais resumos apontam para reconfigurações legítimas das práticas de letramento acadêmico em contextos nos quais a crítica, a interpretação e a reflexividade permanecem centrais à construção do conhecimento. Essa constatação levanta a hipótese de que o ensaio, embora marginalizado institucionalmente, continua a exercer influência nos modos de produção de conhecimento na universidade. Contudo, o fato de esses textos serem nomeados como *artigos* revela a pressão exercida pelas formas de validação científica hegemônicas, que operam em favor de uma escrita objetiva, padronizada e impessoal.

A análise do corpus revelou a presença significativa de textos publicados como artigos científicos que, no entanto, apresentam estrutura composicional, linguagem e propósito argumentativo característicos do gênero ensaio. Essa constatação levou à formulação da hipótese de que há, nas práticas de publicação acadêmica nas ciências humanas, um processo de hibridização discursiva, no qual elementos do ensaio e do artigo se combinam de modo ambíguo, ora compondo textos ensaísticos sob o rótulo de artigo, ora configurando artigos que incorporam estilos discursivos próprios do ensaio.

As análises evidenciaram a ausência sistemática de seções metodológicas e de apresentação de resultados em diversos resumos, sendo recorrente a presença de uma longa seção introdutória, seguida por reflexões argumentativas e uma con-

clusão de caráter interpretativo. Tal configuração retoma traços característicos do ensaio acadêmico, conforme já discutimos, e justifica a incorporação dessa tradição discursiva ao escopo teórico da pesquisa. A negociação da configuração dessa prática social aponta para um movimento de reconfiguração textual que tensiona fronteiras disciplinares e normativas (Street, 1984; Lea & Street, 1998), revelando deslocamentos no modo como se constroem e legitimam os conhecimentos no campo das Ciências Humanas.

No campo da Literatura, esse fenômeno aparece com força particular: diversos textos analisados exibem estrutura e linguagem de ensaio, mas são nomeados como artigos. Essa prática reflete o tensionamento entre o desejo de uma escrita mais reflexiva e as demandas institucionais por publicações indexadas, que obriga autores a nomear como *artigo* o que é, na verdade, *ensaio*. A nomeação se transforma, assim, em estratégia de sobrevivência epistêmica: escreve-se como ensaio, mas submete-se como artigo.

Os dados sugerem que o que está em curso não é apenas uma apropriação estilística do ensaio dentro de outros gêneros, mas a constituição de uma zona híbrida, na qual as fronteiras entre artigo e ensaio tornam-se fluidas, o que reforça a hipótese de que estamos diante de um fenômeno de hibridização genérica, ou, como sugere Adorno (1986, 2003), da emergência de um novo tipo de texto acadêmico que funde reflexão e demonstração, subjetividade e estrutura, ensaio e artigo.

Os dados analisados e as reflexões teóricas que os sustentam apontam para a persistência do ensaio como uma forma discursiva ativa, embora silenciada, na escrita acadêmica. Sua presença, ora nomeada, ora dissimulada sob o rótulo de artigo, revela-se não como um resíduo anacrônico, mas como indício de que há, no interior das práticas acadêmicas, uma tensão entre diferentes modos de construir e comunicar o conhecimento.

A normatização da escrita científica, materializada na hegemonia do artigo e nos parâmetros de objetividade, não foi suficiente para erradicar a tradição ensaística, ao contrário, parece tê-la empurrado para zonas limítrofes. Nesses espaços, o ensaio atua não apenas como um modelo composicional, mas como uma forma de pensar e produzir conhecimento, ou seja, como uma operação epistemológica que valoriza a interpretação, a crítica e a reflexividade. À luz dos Novos Estudos do Letramento (Street, 1984; Lea & Street, 1998), compreende-se que a escrita acadêmica não é homogênea nem estável, mas atravessada por práticas situadas e tensionadas, nas

quais os sujeitos mobilizam gêneros e vozes múltiplas para atender às exigências institucionais sem renunciar aos modos próprios de significação. Assim, a persistência de traços ensaísticos em gêneros regulados como o artigo revela não apenas a resistência de uma tradição discursiva, como também a agência dos autores diante das normas que pretendem estabilizar as formas legítimas de conhecimento.

Ao incorporar essa discussão, este estudo não se limita à descrição de traços discursivos na escrita científica, mas propõe uma reflexão crítica sobre os regimes de validação que moldam as práticas de letramento acadêmico nas Ciências Humanas. À luz de estudos como os de Paulino e Rojo (2012) e Bezerra (2015), que destacam a importância de formas de escrita que priorizam a argumentação interpretativa e a construção subjetiva do conhecimento, defende-se aqui a legitimidade do ensaio como gênero acadêmico. Nesse sentido, destaca-se a relevância do ensaio enquanto gênero que tensiona a normatividade do artigo científico e reafirma a importância de modos de escrita pautados na reflexão, na interpretação e na subjetividade.

REFERÊNCIAS

Adorno, T. “O ensaio como forma”. Em: COHN, Gabriel. São Paulo: Ática, 1986.

Adorno, T. “O ensaio como forma” (pág. 15-45). In: Adorno, T, *Notas de Literatura I*. Tradução Jorge de Almeida, Ed. 34, Coleção espírito crítico, 2003.

Antconc. Disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>. Acesso em: 25 out. 2018.

Bertero, C. O. O que é um Ensaio Teórico? Réplica a Francis Kanashiro Meneguetti. *Revista RAC*, 2011. V.15, n.2. pp.338-342.

Bezerra, M. A. Escrita acadêmica e autoria: uma experiência de produção de ensaios. In: ROJO, Roxane (Org.). *Escrita e leitura na universidade: práticas acadêmicas e inserção social.* Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. p. 113–133.

Feltrim, V. D.; Teufel, S.; Nunes, M. G. V.; Aluísio, S. M. Argumentative Zoning Applied to Critiquing Novices’ Scientific Abstracts. *Computing Attitude and Affect in Text: Theory and Applications,* 2006. v. 20, p. 233-246.

Larrosa, J. O ensaio e a escrita acadêmica*. Revista Educação & Realidade*. P. 101-115. V.28, n.2, 2003.

Lea, M. R. ; Street, B. V. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. Tradução de F. Komesu e A. Fischer. *Filologia e Linguística Portuguesa,* 16(2), 477-493. 2014. https://doi.org/10.11606/ issn.2176-9419.v16i2p477-493

Lea, M. R.; Street, B. V. Student Writing in Higher Education: An Academic Literacies Approach. *Studies in Higher Education*, v. 23, n. 2, 1998.

Lea, M. R.; Street, B. V. The “Academic Literacies” Model: Theory and Applications. *Theory into Practice*, v. 45, n. 4, 2006.

Lillis, T.; Scott, M. *Defining academic literacies research: issues of epistemology, ideology and strategy*. *Journal of Applied Linguistics,* v. 4, n. 1, p. 5-32, 2007

Mey, J. L. Pragmatics: An Introduction. 2nd ed. Oxford: Blackwell Publishers, 2001.

Menegaldo, K. *Padrões de resumos de artigos científicos de Linguística e Literatura publicados em revistas brasileiras entre 2013 e 2016.* 2024. 1 recurso online (251 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: 20.500.12733/21939. Acesso em: 1 jul. 2025.

Paulino, S.; Rojo, R. Letramentos acadêmicos: uma proposta de ação para o ensino universitário*. In*: Rojo, R.; Barbara, L.; Serafini, M. T. (Orgs.). *Letramentos múltiplos na escola***.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012. p. 217–246.

Paviani, J. *O ensaio como gênero textual.* V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais: o ensino em foco – V SIGET. Caxias do Sul, 2009.

Signorini, I. Metapragmáticas da língua em uso: unidades e níveis de análise. In: Inês Signorini. Org. *Situar a linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial. 2008.

Silva, P. N. da.; Santos, J. V. Da introdução ao resumo/abstract: o surgimento de um gênero híbrido nas atas da associação portuguesa de linguística. *Revista Estudos Linguísticos*, 2015. v.10. pp. 313-336.

Silverstein, M. Metapragmatic discourse and metapragmatic function. In John A. Lucy. Org. *Reflexive language: reported speech and metapragmatics.* Cambridge: University Press., 1993.

Sousa, O.; Costa Pereira, T. *Escrita, leitura e aprendizagem: um estudo exploratório no ensino superior*. Exedra. 213-233. 2016.

Swales, J. M. *Genre Analysis*: English in Academic and Research Settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.